

MERCADO DE TRABALHO FORMAL NO NORDESTE: criação e destruição de empregos por tamanho de estabelecimentos de 2001-2016

Beatriz Lima Machado¹

Alexsandro Sousa Brito²

RESUMO: A dinâmica do mercado de trabalho, foi posto neste estudo partindo de uma interpretação específica, sendo ela a criação e destruição bruta e líquida de empregos formais pelo lado da demanda, objeto de pesquisa deste trabalho. O espaço temporal estudado foi de 2001 a 2016, enquanto a análise espacial voltou-se para a região Nordeste. Diante disso, o trabalho preocupou-se em analisar a dinâmica do mercado de trabalho nordestino por tamanho de estabelecimentos segundo classificação do SEBRAE: micro, pequenas, médias e grandes empresas. Além disso, os resultados mostraram como a dinâmica do emprego formal se comporta entre dois períodos distintos.

Palavras-chave: Criação e Destruição. Nordeste. Emprego. Tamanho.

Abstract: The dynamics of the labor market was put in this study based on a specific interpretation, being the creation and destruction of gross and net formal jobs by the demand side, object of research of this work. The time space studied was from 2001 to 2016, while the spatial analysis turned to the Northeast region. In view of this, the work was concerned with analyzing the dynamics of the Northeastern labor market by size of establishments

¹ Economista e pós-graduanda em Políticas Públicas (UFMA), assistente de Pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Macroeconomia-GRAMMA. E-mail: bialm7@gmail.com

² Professor do Departamento de Economia - DECON/UFMA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Macroeconomia – GRAMMA. E-mail: alex_brito@yahoo.com

according to SEBRAE classification: micro, small, medium and large companies. In addition, the results showed how the dynamics of formal employment behave between two distinct periods.

Keywords: Creation and Destruction. Northeast. Job. Size

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho é uma das variáveis que mais intrigam o campo das Ciências Econômicas, tendo discussões nas mais diversas áreas de pensamento econômico que passam a analisar como se dá a determinação dos salários, quais decisões necessárias para que uma empresa contrate ou demita um trabalhador, quais as variáveis que podem afetar o preço dos produtos de determinada firma e como ocorre a dinâmica de oferta de trabalho.

Dentre essas discussões, o presente trabalho se baseia naquela originalmente levantada por Davis e Haltiwanger (1992) que trata sobre o processo de criação (*Job Creation*, JC), destruição (*Job Destruction* JD) e variação líquida (*Net employment growth* - NEG) de emprego no mercado de trabalho, uma abordagem que analisa a dinâmica do emprego a partir da ótica da demanda.

Dessa forma, a pesquisa se faz importante na medida que passa a contribuir na identificação da heterogeneidade por parte da demanda por empregos (firmas) e como estas tem impacto na dinâmica de criação e destruição de empregos na região nordestina entre 2001 e 2016, apresentando, pois, a análise do ponto de vista da criação e destruição de postos de trabalhos formais na atividade econômica.

Diante disso, o trabalho se propõe a responder o seguinte problema: identificar em que ponto o mercado de trabalho nordestino começa a desacelerar diante às intempéries que surgem na estrutura econômica e como esses problemas acabam afetando a demanda por trabalhadores nos diferentes tamanhos de estabelecimentos.

Toda análise desenvolvida no presente trabalho partiu de uma iniciativa acadêmica desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Macroeconomia (GRAMMA) – vinculado ao departamento de economia – por meio do projeto de pesquisa “Criação e Destruição de Empregos Formais na Região Nordeste: uma análise da dinâmica das principais cidades no período de 2001 a 2016”, aprovado em 2018, que visa o mapeamento do mercado de trabalho em toda região nordestina e sua dinâmica de criação e destruição de postos de trabalho formais.

Dessa maneira, o objetivo da pesquisa será destinado a pontuar até que momento o Nordeste possui uma aceleração no mercado de trabalho formal e quando este começa a entrar em declínio no período de 2001 a 2016. E como objetivos específicos, considera-se: identificar as taxas de criação líquida de empregos formais no Nordeste e verificar o impacto dos tamanhos de estabelecimentos sobre a dinâmica de emprego no período. Posto isto, a pesquisa surge com dois instrumentos metodológicos para seu estudo, sendo eles: a) pesquisa bibliográfica e b) base de dados estatísticos para a elaboração das análises – com viés pelo lado da demanda – coletados a partir de um contrato formal realizado entre o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e o GRAMMA, no qual o tratamento de dados foi feito de acordo com as técnicas estatísticas baseadas em Davis e Haltiwanger (1992).

Para atingir os objetivos propostos, o presente trabalho é dividido em quatro partes. A primeira é esta introdução, a segunda refere-se à seção 2 que apresenta a análise de criação e destruição de empregos no Nordeste em todo período de 2001-2016, a terceira corresponde a seção secundária 2.1 que apresenta o processo de criação e destruição por tamanho de

estabelecimento e como se deu essa dinâmica em dois períodos distintos: auge e declínio. E, por último, a conclusão, fazendo uma breve recapitulação de todos os resultados de acordo com a problematização apresentada.

2. CRIAÇÃO E DESTRUÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS NA REGIÃO NORDESTE

Esta seção irá tratar como se deu o avanço do processo de criação e destruição de postos de trabalhos formais no Nordeste e as principais condicionantes que impulsionaram e atenuaram esse processo em períodos distintos.

A primeira definição usada como medida é a taxa de criação de empregos (*job creation*) que é a soma das variações positivas (ou variação nula) de emprego das empresas, ou seja, é o número de postos de trabalho criados entre $t-1$ e t , levando em consideração todas as empresas que expandiram postos de trabalho no respectivo período. De maneira inversa, a taxa de destruição (*job destruction*) corresponde a soma das variações negativas de postos de trabalhos nos estabelecimentos em relação a percentagem de emprego médio, ou seja, é o número de postos de trabalho destruídos entre $t-1$ e t , levando em consideração todas as empresas que reduziram o número de empregos.

A terceira medida é a taxa de variação líquida de emprego de uma economia ou setor (*Net Employment Growth*, NEG), que é basicamente a diferença entre as taxas de criação (JC) e as taxas de destruição (JD) entre $t-1$ e t . (PAZELLO et. al. 2000; DAVIS & HALTIWANGER, 1999; RIBEIRO, 2007; RIBEIRO & PEREIRA, 2006; CENTENO et. al. 2007).

Tomando a variação líquida (NEG) como medida de referência para a análise dos resultados sobre a dinâmica do emprego formal na região nordestina, observou-se que o Nordeste possui uma tendência ascendente e relativamente estável de 2001 a 2010 – com poucas oscilações –, período que corresponde ao primeiro e segundo governo Lula. No entanto, a partir de 2011, essa tendência começa a cair, seguindo nos anos seguintes, sem recuperação posterior, período que já se manifesta no primeiro e segundo governo Dilma/Temer. A média de todo o período quanto à taxa de criação líquida de postos de trabalho formais foi de 6,83% ao ano, mas devido a identificação de dois ciclos diferentes em relação à dinâmica de formalização no mercado de trabalho, procurou-se dividir a série histórica em dois períodos distintos: o primeiro de auge e o segundo de declínio da dinâmica de crescimento formal do emprego.

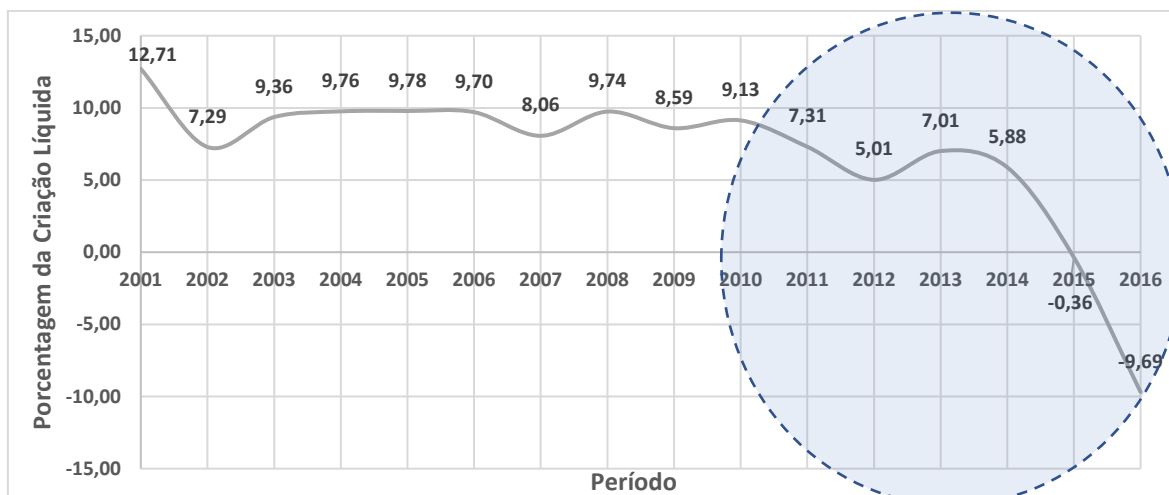
O primeiro corresponde ao período de 2001 a 2010 e o segundo que se estende de 2011 a 2016. Ambos períodos se comportam de maneira distinta, o primeiro que confere ao período de auge, é caracterizado pelo processo de crescimento de empregos formais³, com taxa média de crescimento líquido de empregos de 9,41% a.a. e o segundo período, com taxa média de criação da ordem de 2,53% a.a., caracterizado pela desaceleração desse processo até a destruição líquida de empregos nos dois últimos anos da série, 2015 e 2016.

É possível afirmar que nos últimos 6 anos, a taxa de criação líquida é quase quatro vezes inferior ao primeiro período no Nordeste, passando por um processo de desaceleração do mercado de trabalho formal, interrompendo toda a trajetória de ascendência e estabilidade na região que se encerra em 2010. Essa pujança pode ser medida comparando as duas taxas líquidas correspondentes aos dois períodos, de forma que a média dessa taxa no último

³ Apesar de alguns estados começarem a desacelerar anos antes, caracterizando a heterogeneidade regional.

período não chega a 30% da que se destaca no primeiro, demonstrando um trágico processo de desaceleração. Essa dinâmica pode ser melhor identificada no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Taxa de Criação Líquida de postos de trabalhos formais no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

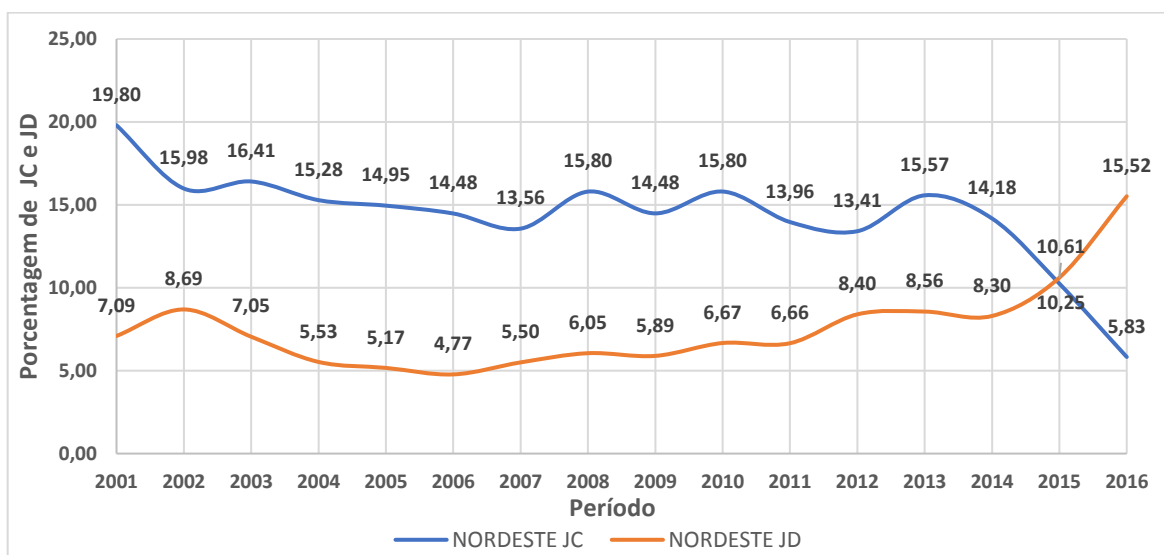
O primeiro ciclo, por sua vez, foi basicamente impulsionado pela taxa de criação bruta, uma vez que sua média no período foi da ordem de 15,65% ao ano, superando a média dessa mesma variável de período geral (2001-2016), que foi de 14,36%. Já o segundo ciclo, foi conduzido pelo aumento da destruição bruta, que teve média de aproximadamente três pontos percentuais a mais em relação a destruição do período de auge, atingindo a percentagem de 9,67% a.a., passando a superar também a média da destruição de todo o período.

Analisando a dinâmica das taxas brutas de criação e destruição, a tendência da curva de ambas confirmam os efeitos de suas taxas médias quanto ao impulsionamento e a atenuação nos períodos de auge e declínio, na medida que a curva de criação bruta possui

médias relativamente estáveis até 2010, enquanto a destruição bruta começa a subir a taxas superiores aos anos anteriores nesse mesmo ano, chegando a ultrapassar a criação bruta em 2015, passando a ser quase três vezes superior em 2016, resultando em destruição líquida de empregos formais nos dois últimos anos.

Portanto, a grande diferença do segundo período não é apenas a redução da taxa de criação absoluta dos postos de trabalhos formais, mas a subida abrupta do processo de destruição de empregos, resultando na queda gradativa das taxas de criação líquida até atingir taxas de destruição líquida de empregos nos dois últimos anos.

Gráfico 2 – Taxa de Criação e Destruição bruta de empregos formais no Nordeste (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Do ponto dos tamanhos de estabelecimentos, quais deles comandam essa dinâmica do processo de criação e destruição de empregos? A pergunta é importante à medida em que permite identificar quais tamanhos de estabelecimentos são protagonistas, tanto no impulsionamento como na atenuação da criação de empregos na região.

2.1. Dinâmica da criação líquida de empregos formais por tamanho de estabelecimentos

Um aspecto considerado importante a ser estudado no presente trabalho foi a dinâmica do emprego formal do ponto de vista do tamanho das empresas e como se comporta a criação e destruição dos postos de trabalho formais nessa subdivisão. Desse modo, a análise por tamanho de estabelecimentos foi dividida em quatro dimensões: micro, pequena, média e grande empresa, essa subdivisão foi classificada de acordo com a metodologia adotada pelo SEBRAE. As microempresas são os estabelecimentos que possuem de 0-9 empregados formais, a pequena de 10-49, a média de 50-99 e a grande empregando 100 ou mais. É importante salientar que os cálculos referentes as microempresas não levaram em consideração os estoques de 0-4 pelo fato dessas empresas possuírem um elevado grau de instabilidade nas declarações da RAIS.

A primeira impressão que o estudo revelou foi que as microempresas embora sejam realmente grandes criadoras de postos de trabalhos formais – principalmente do ponto de vista da criação absoluta –, ao mesmo tempo, elas também são as maiores destruidoras.

No Nordeste, a média de criação absoluta de postos de trabalho formais pelas microempresas de 2001-2016 foi de 35,54%, enquanto as pequenas, médias e grandes criaram em termos absolutos 24,51%, 30,07% e 15,57%, respectivamente. Com isso, é nítido que quem mais cria empregos formais, em taxas absolutas, são as microempresas, seguida pelas médias, pequenas e grandes. Contudo, é importante destacar que essa grande diferença entre os tamanhos só acontece dentro desta variável absoluta.

Quando observado pela ótica da destruição absoluta de empregos formais, verificou-se que as microempresas destruíram, em média, em todo o período, 22,04% a.a. os postos de

trabalhos, ou seja, destruiu mais da metade dos empregos formais criados, enquanto as pequenas destruíram 13,23%, as médias 18,75% e as grandes 7,96%, nesse caso, a ordem da criação bruta se mantém, visto que as que mais criam, também são as que mais destroem empregos. Quando se analisa do ponto de vista da criação líquida, a ordem também continua a mesma, entretanto, a diferença percentual entre os três primeiros é pouco significativa, ficando com aproximadamente 2%, enquanto a diferença destas em relação às grandes empresas aumenta para 5% em média.

Portanto, do ponto de vista do tamanho dos estabelecimentos, podemos dividir o processo de criação e destruição líquida de empregos formais em dois grupos de empresas, o primeiro formado pelas micro, criando 13,5%, média com 11,32% e pequena com 11,28%, já que não há diferença significativa da taxa média de criação líquida entre elas, e o segundo, formado pelas grandes empresas que criam em média 7,61% a.a. os empregos formais no Nordeste, quase metade ao que corresponde a criação líquida do primeiro grupo.

Levando em consideração essa dinâmica (tomando como base a variação líquida) nos períodos de auge e declínio que se destacam na região nordestina, constatou-se resultados muito interessantes no primeiro período: a) apesar das micro e médias continuarem sendo as maiores criadoras em termos absolutos, também destruíram mais da metade dos postos de trabalhos criados; b) as pequenas e grandes empresas foram as que menos criaram em termos absolutos, mas em compensação, destruíram menos da metade dos seus empregos criados. Mas quando comparadas as taxas de todas elas em termos líquidos, observou-se pouca diferença entre suas médias, com pouco mais de 1%. Pois conforme mostram os resultados, as empresas de porte médio foram as que mais criaram em termos líquidos com 15,2% a.a., seguido pelas microempresas com 14,15% a.a., pequenas com 13,32% a.a. e grandes com taxa média de 11,4% a.a.

Outro ponto importante a ser destacado no período de auge é que, ao contrário do que se deduz, não foram as microempresas as maiores responsáveis pela criação líquida de empregos,⁴ mas sim as empresas de médio porte, as maiores criadoras em termos líquidos no período de expansão – mesmo sendo maiores e mais velhas –, contrapondo um dos pressupostos de Gómez-Salvador & Messina (2003), nos quais afirmam que “ *the intensity of job reallocation depends on some firm-specific characteristics, in particular job creation tends to be negatively associated with firms age and size*”.

Já no período de declínio, as micro e médias empresas são as que mais criam em termos absolutos, seguido pelas pequenas e grandes empresas, no entanto, todas elas destroem mais de 60% dos postos de trabalhos criados, com a empresa de porte médio chegando a destruir 79% e a grande 90%. Em termos líquidos, as microempresas são as maiores criadoras no período de declínio com média anual de 12,42%, seguido pela pequena com 7,88%, média com 4,87% e grande com apenas 1,31%, nesse caso, a diferença entre as médias líquidas já possuem um intervalo de diferença muito superior ao observado no período de auge, com destaque para a grande empresa que possui taxa média de criação líquida quase 10 vezes menor que a microempresa.

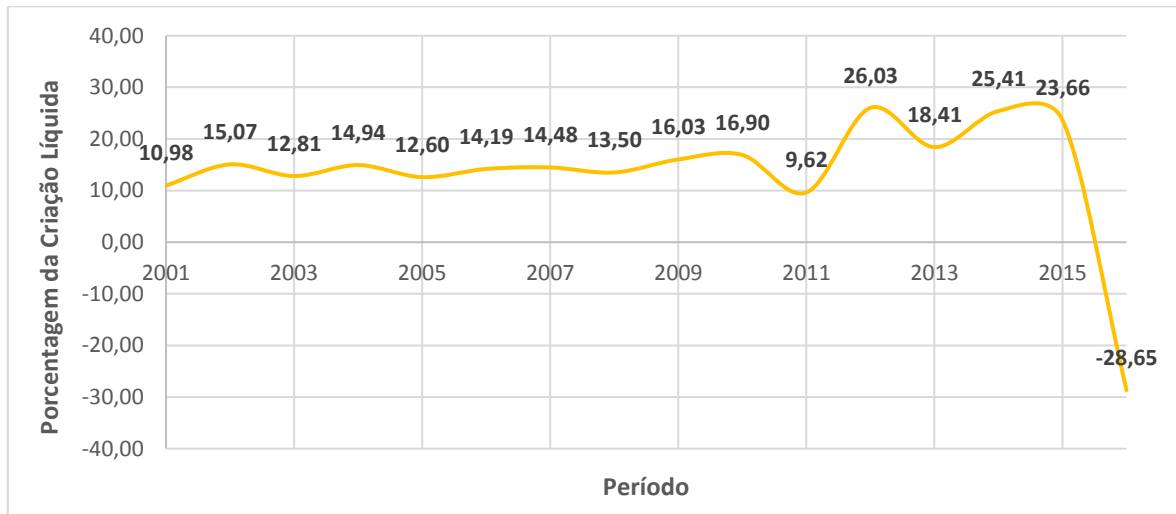
Esse cenário se contrapõe ao primeiro observado, de forma que esperava-se que as micro e pequenas empresas fossem as primeiras a morrer e, por sua vez, destruir os postos de trabalhos formais criados por serem mais novas e menores, tendo, pois, maior fragilidade em manter-se num período de crise, no entanto, são elas que seguram e atenuam a destruição de empregos nesse segundo momento, na medida que as empresas de porte médio e grande (mais velhas e maiores) são as que mais destroem empregos formais, impulsionando a desestruturação do mercado de trabalho formal.

⁴ Devido a maior taxa de nascimento das microempresas ter maior probabilidade de acontecer em um ciclo de crescimento e, por sua vez, criar mais postos de trabalhos, como normalmente é enfatizado pela literatura.

Levando em consideração o dinamismo da curva de taxa de criação líquida por tamanho de empresas ao longo da série histórica apresentada, é possível identificar alguns padrões e tendência em relação a cada uma delas, além da melhor visualização quanto a persistência da criação e destruição líquida de postos de trabalhos formais ao longo do tempo, na medida que também é possível discernir quais delas possuem maior resistência e sensibilidade em relação à conjuntura econômica.

Como pode ser observado no Gráfico 3, as microempresas mantêm suas taxas de criação líquida constantes em todo o período de auge que se encerra em 2010 (com persistência da criação de empregos formais), e no período de crise, sua reação impressiona ao aumentar ainda mais a criação líquida em taxas que superam os anos que antecedem, oscilando de maneira inversa ao ciclo econômico recessivo, impressionando por reagirem positivamente as oscilações conjunturais negativas, e só começam a cair efetivamente em 2016, ao apresentar taxa de destruição líquida de -28,65%. Esse resultado leva a supor que esse tamanho de estabelecimento é um dos últimos a reagirem em períodos de crise, provavelmente por ter pouca sensibilidade a esses períodos, além de ser um dos que atenuam a desaceleração do mercado de trabalho formal.

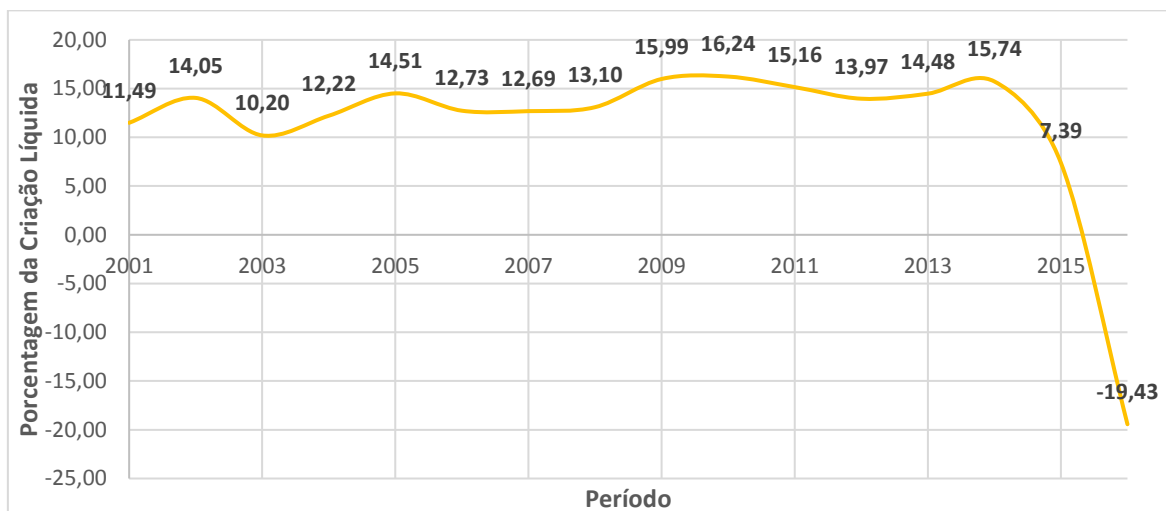
Gráfico 3 – Taxa de Criação Líquida das Microempresas no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Os estabelecimentos de pequeno porte (Gráfico 4), também apresentam resistência ao longo dos dois períodos, persistindo o processo de criação líquida de empregos até 2014, sem oscilações significativas como acontece com as microempresas no período de declínio. Dessa maneira, as pequenas empresas também se apresentam com pouca sensibilidade aos ciclos recessivos, atenuando também o processo de desestruturação no mercado de trabalho que se inicia no Nordeste em 2011, apesar de apresentar queda na criação líquida de empregos um pouco mais cedo comparado as microempresas, visto que suas taxas começam a cair a partir de 2015, expondo taxas de destruição líquida em 2016 na ordem de -19,43%.

Gráfico 4 – Taxa de Criação Líquida das Pequenas Empresas no NE (2001-2016) - %

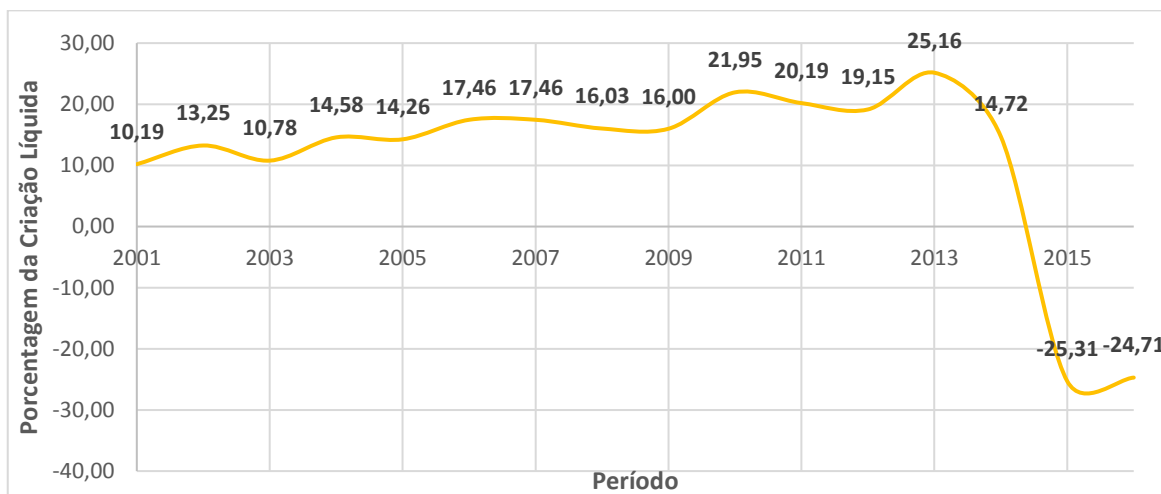


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Em relação aos estabelecimentos de porte médio (Gráfico 5), sua trajetória se mantém em ascendência em quase todo período (mesmo depois do período de declínio), se encerrando em 2013. Fato curioso nesse dinamismo é que, ao contrário das micro e pequenas empresas que possuem suas curvas de criação líquida de empregos regular e constante em quase todo o período, as médias se apresentam em crescimento contínuo, possuindo taxas de criação mais altas que as duas primeiras, de tal forma que em 2001 a taxa se inicia com 10,19% e encerra em 2013 com taxa mais de duas vezes superior a primeira observada, com 25,16%.

Apesar do dinamismo da curva de criação líquida das empresas médias estarem em tendência de crescimento, ela é interrompida mais cedo que os outros estabelecimentos até agora apresentados, visto que a queda na criação de empregos já se inicia em 2014, manifestando taxas de destruição líquida em 2015 e 2016, com taxas de -25,31% e -24,71%, respectivamente.

Gráfico 5 – Taxa de Criação Líquida das Médias Empresas no NE (2001-2016) - %

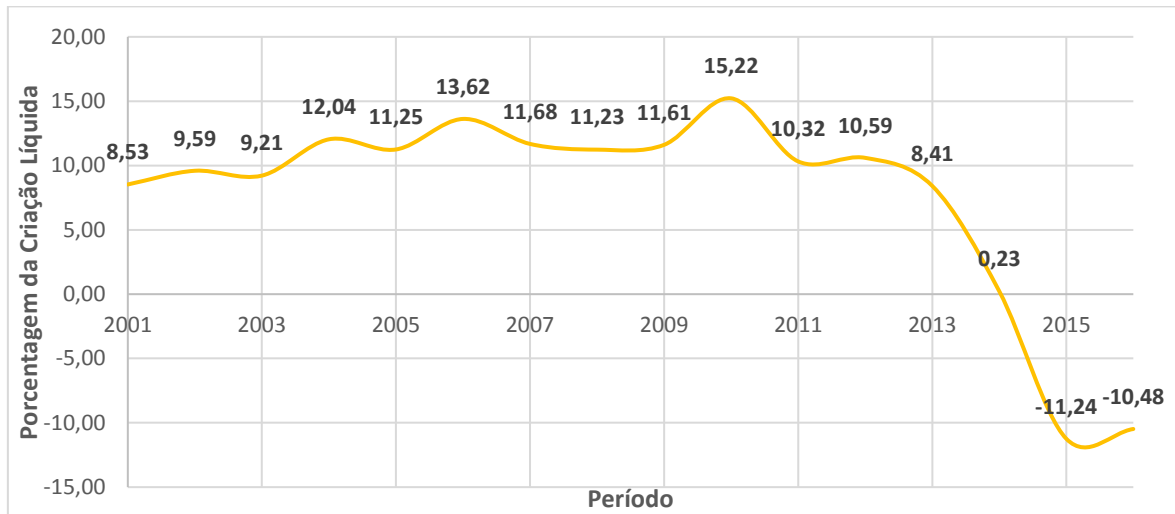


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

E por fim, apresenta-se a dinâmica da curva de criação líquida dos estabelecimentos de grande porte. Este, por sua vez, da mesma forma que as empresas de porte médio, vem apresentando crescimento nas taxas de criação até 2010, embora com valores mais modestos, crescendo quase duas vezes em 2010 em relação a 2001 – visto que sua evolução em taxas de líquidas passa de 8,53% para 15,22%. No entanto, uma das primeiras observações importantes quanto a esse tamanho de estabelecimento, é sua forte sensibilidade ao ciclo econômico, de modo que no período de auge as grandes empresas reagem criando postos de trabalho de maneira crescente, enquanto no período de declínio esse fenômeno se inverte, passando a apresentar queda nas taxas de criação líquida já a partir de 2011 e destruição líquida nos dois últimos anos com taxas de -11,24% e -10,48%, respectivamente.

Dessa forma, a persistência crescente na criação de empregos das grandes empresas se encerra em 2010, coincidindo perfeitamente com o período de auge, por outro lado, a persistência na queda dessa criação líquida se inicia em 2011, correspondendo ao período de declínio.

Gráfico 6 – Taxa de Criação Líquida das Grandes Empresas no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Portanto, de acordo com os resultados acima apresentados, pode-se concluir que em momentos que se manifestam uma conjuntura econômica recessiva, as micro, pequenas e médias empresas são as últimas a reagirem negativamente a criação líquida de empregos formais, mostrando-se até mesmo como atenuadoras desse processo de desaceleração, enquanto as grandes empresas são as primeiras a manifestarem os impactos conjunturais da economia sob o mercado de trabalho formal.

3. CONCLUSÃO

Analisado todos os dados presentes e a problemática no seu entorno quanto aos momentos de auge e de declínio no mercado de trabalho formal por tamanho de estabelecimentos, observou-se que a criação e destruição de postos de trabalho no Nordeste se comporta de maneira distinta entre os tamanhos.

Um dos primeiros resultados encontrados foi como se deu a divisão da dinâmica da criação líquida de empregos no mercado de trabalho formal do Nordeste, tendo ele dois ciclos: o primeiro correspondente ao período de auge, que se dá de 2001 a 2010 e o segundo de declínio que ocorre entre 2011 e 2016.

Tomando como base esses dois períodos, ambos se comportaram de maneira distinta, o primeiro que confere ao período de auge, é caracterizado pelo processo de crescimento de empregos formais, chegando a alcançar taxa média de criação líquida na ordem de 9,41% a.a. em relação a taxa de criação líquida de empregos e o segundo período, com taxa média de criação da ordem de 2,53% a.a.. Caracterizando uma desaceleração do processo criação de postos de trabalhos até chegar à destruição líquida destes nos dois últimos anos da série, 2015 e 2016.

Na seção 2.1 foi analisado o processo de criação e destruição do ponto de vista do tamanho dos estabelecimentos, o presente estudo dividiu o processo de criação e destruição líquida de empregos formais em dois grupos de empresas no que diz respeito ao período geral, o primeiro formado pelas micro, criando 13,5%, média com 11,32% e pequena com 11,28% (por não terem diferenças significativas entre elas), e o segundo, formado pelas grandes empresas que criam em média 7,61% a.a. os empregos formais no Nordeste, quase metade ao que corresponde a criação líquida do primeiro grupo.

Quando comparadas as taxas de todas elas em termos líquidos no período de auge, observou-se pouca diferença entre suas médias. Pois, conforme mostram os resultados, as empresas de porte médio foram as que mais criaram em termos líquidos com 15,2% a.a., seguido pelas microempresas com 14,15% a.a., pequenas com 13,32% a.a. e grandes com taxa média de 11,4% a.a. Outro ponto importante nesse período é que, ao contrário do que se supõe, não foram as microempresas as maiores responsáveis pela criação líquida de empregos, mas sim as empresas de médio porte – mesmo sendo maiores e mais velhas.

Já no período de declínio, em termos líquidos, as microempresas são as maiores criadoras com média anual de 12,42%, seguido pela pequena com 7,88%, média com 4,87% e grande com apenas 1,31%, nesse caso, a diferença entre as médias líquidas já possuem um intervalo de diferença muito superior ao observado no período de auge, com destaque para a grande empresa que possui taxa média de criação líquida quase 10 vezes menor que a microempresa.

De forma geral, a dinâmica de emprego no Nordeste ao longo dos últimos 16 anos está dividida em dois períodos distintos: um período de auge que corresponde a 2001-2010 e um período de declínio de 2011 a 2016 cujas taxas médias de criação líquida são 9,41% a.a. e 2,53% a.a., respectivamente.

Dentre os tamanhos de estabelecimentos com maior protagonismo, destacaram-se: as micro, pequenas e médias empresas. Cada tamanho tem suas especificidades, visto que as microempresas possuem estabilidades na criação líquida de empregos até 2011 e aumentam a criação no período que se agrava a crise (2012-2015), ao passo que as pequenas empresas permanecem estáveis em quase toda a série histórica, desacelerando apenas nos dois últimos anos, já as empresas de porte médio obedecem uma dinâmica semelhante as pequenas empresas, apesar de desacelerar a partir de 2014, enquanto as grandes empresas são as primeiras a declinarem no processo de criação líquida de emprego, acompanhando perfeitamente o ciclo de auge e crise da economia, evidenciando que os tamanhos respondem de maneira diferente, no tocante ao emprego, às flutuações da atividade econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CENTENO, Mário; MACHADO, Carla; NOVO, Álvaro A. **A Criação e Destruição de Emprego em Portugal**. Boletim Econômico: Banco de Portugal (2007). p. 79-108.

CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SANTOS, D. D.; DIAS, R. F. **Criação, destruição e realocação de emprego no Brasil**. In: XXIX Encontro Nacional de Economia - ANPEC, 2001, Salvador, SP. Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia - ANPEC. Campinas, SP: ANPEC, 2001.

DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. **Gross job flows**. In: ASHENFELTER, O.; CARD, D. (Eds.). Handbook of labor economics, Amsterdam: Elsevier, 3b, 1999.

DAVIS, Steven J.; HALTIWANGER, John. **Gross Job Creation, Gross Job Destruction, and Employment Reallocation**. The Quarterly Journal of Economics, Vol. 107, No. 3 (august of 1992), pp. 819-863.

GÓMEZ-SALVADOR, R.; MESSINA, J. **Gross job flows and institutions in Europe**. IZA Working Paper Series, 2004.

IBGE. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS**. Disponível em: <<https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/mte/relacao-anual-de-informacoes-sociais-rais>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

PAZELLO; Elaine Toldo; BIVAR, Wasmália; GONZAGA, Gustavo. **Criação e destruição de postos de trabalho por tamanho de empresa na indústria brasileira**. Pesq. Plan. Econ., v. 30, n. 2, p. 259-288, ago. 2000.

RIBEIRO, E. P. **Cap. 1: Criação, Destruição e Realocação De Empregos: Conceitos E Medidas**. In: CORSEUIL, C.H. e SERVO, L.M.S. (Org.). Criação, Destruição e Realocação de Empregos no Brasil. Brasília: IPEA, 2007, v., p. 15-24.

RIBEIRO, E. P.; PEREIRA, Filipe Keuper Rodrigues. **Criação e destruição de emprego na indústria e os efeitos do câmbio e da abertura comercial: o caso da indústria gaúcha nos anos 1990**. Economia Aplicada (São Paulo), v. 10, n. 3, 2006. p. 325-348.

SERVO, L. S.; FURTADO, P.; AMORIM, B.; CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SOUZA, A.L. **Cap. 3: Resultados para Outros Países e Análise das Medidas para o Brasil: agregadas por tamanho e por região**. In: CORSEUIL, C.H. e SERVO, L.M.S. (Org.). Criação, Destruição e Realocação de Empregos no Brasil. Brasília: IPEA, 2007, v., p. 35-50.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, Silvana Nunes de; ARAÚJO, J. B.; SILVA, F. J. F. **Criação e destruição de empregos na indústria metropolitana do Nordeste**. Revista de Economia (Curitiba), v. 40, p. 71-96, 2014.